

Building the way
**MÁSCARAS EM CIRCULAÇÃO: ESPAÇO, CORPO E
MEMÓRIA EM IMAGENS DA PANDEMIA DA COVID-19**
***MASKS IN CIRCULATION: SPACE, BODY AND MEMORY IN
IMAGES OF THE COVID-19 PANDEMIC***
Wellington Marques da Silveira¹ Olímpia Maluf Souza² Fernanda Surubi Fernandes³ **RESUMO**

Refletimos, neste artigo, sobre a utilização das máscaras na pandemia da Covid-19, tomando-as como um espaço em que se efetivam processos de subjetivação que regulam a relação do sujeito com os sentidos. A retomada dessas discursividades na atualidade projeta sentidos sobre os sujeitos na relação com a memória discursiva, que ainda significa as relações sociais sobre o uso das máscaras na pandemia e em pleno 2025. Elaboramos essa incursão teórica com base em pressupostos teórico-metodológicos da Análise de Discurso, a partir de Pêcheux (2009) e Orlandi (2007), interrogando a relação supostamente transparente atribuída aos diferentes usos das máscaras, em diferentes espaços e condições de produção de gestos de conformidade/desacordo com o que determinaram as medidas de proteção contra o coronavírus. Para tanto, analisamos imagens coletadas de notícias/reportagens, de pesquisa do google e de quadrinhos, que põem em visibilidade a inserção da máscara no cotidiano do brasileiro, interrogando pelos sentidos que esta peça/equipamento fez e tem feito circular, instalando relações de pertença, de (des)autorização. Nosso gesto de análise diz da importância da noção de

¹Doutorando em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso (PPGL/UNEMAT).

wellingtonmarkis@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-2749-2178>

<https://orcid.org/0000-0002-2749-2178>

² Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

olimpiamaluf@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/9974266213083899>

<https://orcid.org/0000-0003-2434-5671>

³Doutora em Linguística pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT).

fernanda.fernandes@ueg.br

<http://lattes.cnpq.br/5320767790051013>

<https://orcid.org/0000-0002-5537-999X>

Building the way

interpretação, que insta o sujeito-leitor, usuário das máscaras, no contexto pandêmico, circunscrevendo sua tomada de posição pelas condições de produção dos modos de identificação que o sujeito acessa/pode acessar, produzindo seus efeitos na atualidade. Em outras palavras, tratou-se de tomarmos o funcionamento do discurso, com suas injunções inconscientes e ideológicas, redimensionado pelas condições atuais de produção da linguagem, no acontecimento discursivo possibilitado pela configuração da pandemia.

PALAVRAS-CHAVE: Análise de Discurso; Notícias; Quadrinhos.

ABSTRACT

In this article, we reflect on the use of masks in the Covid-19 pandemic, taking them as a space in which subjectivation processes that regulate the subject's relationship with the senses take place. The resumption of these discursivities today projects meanings onto subjects in relation to discursive memory, which still signifies social relations regarding the use of masks during the pandemic and in 2025. We elaborated this theoretical incursion based on theoretical-methodological assumptions of Discourse Analysis, from Pêcheux (2009) and Orlandi (2007), questioning the supposedly transparent relationship attributed to the different uses of masks, in different spaces and conditions of production of gestures of conformity/disagreement with the that determine the protection measures against the coronavirus. For this, we analyzed images collected from news/reports, Google searches and comics, which highlight the insertion of masks in the daily lives of Brazilians, questioning the meanings that this piece/equipment has circulated, installing relationships of belonging, of (dis)authorization. Our gesture of analysis speaks of the importance of the notion of interpretation, which urges the subject-reader, user of masks, in the pandemic context, circumscribing his position taking by the conditions of production of the modes of identification that the subject accesses/can access, producing its effects today. In other words, it was about taking the functioning of the discourse, with its unconscious and ideological injunctions, resized by the current conditions of language production, in the discursive event made possible by the configuration of the pandemic.

KEYWORDS: Discourse Analysis; News; Comics.

Building the way
Considerações iniciais

A pandemia, situando seus efeitos mais presentes em 2020 e 2021, apresenta-nos uma condição de produção histórica e social em que sujeitos e sentidos são colocados em estado constante de reflexão e/ou de negação com a sua mortalidade. Sentidos que são retomados ou silenciados após a pandemia.

A tensão que essas condições nos proporcionaram dizem sobre os modos como os discursos são atravessados por uma vertente que se constitui primeiramente em uma ilusão: somos iguais, pois a COVID-19 atinge a todos, mas, quando passamos durante a pandemia a visualizar nas mídias e redes sociais discursos que remetem a ficar ou não em casa, a usar ou não máscaras etc., refletimos sobre os sentidos de casa, máscaras, segurança etc., postos em circulação/divisão pelo Estado e suas instituições naquele momento e como isso reflete os sujeitos e sentidos na atualidade.

O sujeito, posto dentro destas condições e discursividades, precisou escolher, enquanto sujeito-de-direito capitalista, entre ficar em casa ou sair e correr riscos para continuar com seu trabalho, fonte, na maioria das vezes, de seu único sustento. Esse modo de “escolha”, livre para submeter, projetou sentidos de que não somos todos iguais diante da pandemia – porque não deveria haver necessidade de escolha –, pois, condições diferentes se atravessam e constituem diferentes posições-sujeitos: o trabalhador e o empresário, o professor e o aluno e os pais etc.

Essas diferentes posições podem ser analisadas e compreendidas a partir do campo teórico da Análise de Discurso, pois trata-se de uma vertente teórica que põe em questão a interpretação, o sujeito e seus distintos modos de identificação, ou seja, a maneira como a língua materializa as relações sociais, como seus efeitos são produzidos a partir das condições de produção, neste caso, a pandemia.

Building the way

Mais especificamente, destacamos que nossa incursão teórica será voltada a tornar visíveis sentidos marcados no/pelo corpo dos sujeitos que, por exemplo, “escolheram” usar ou não a máscara, ou usá-la ou não de forma correta. Assim, compreendemos que os modos específicos de utilização das máscaras colocam em visibilidade, necessariamente, maneiras distintas de “ler” a realidade, as condições de existência atuais, isto é, a leitura, neste trabalho, se refere às múltiplas formas pelas quais os sujeitos se inscrevem em processos de identificação (Pêcheux, 2009), que os (des)identificam a determinadas regiões de sentido e que marcam, em seus corpos, modos de subjetivação particulares.

Propomo-nos, dessa forma, à compreensão discursiva, senão à interrogação, dos modos como o sujeito contemporâneo, mais especificamente o sujeito nacional brasileiro (pois tratamos aqui de uma relação específica com a memória discursiva), tem produzido sentidos acerca do uso obrigatório de máscaras, dadas as condições impostas pela pandemia da Covid-19, deflagrada desde 2020 até 2021.

Na tentativa de tomar o corpo do sujeito em análise, mediante às necessidades e às orientações estabelecidas pelas autoridades de saúde, deparamo-nos, de antemão, com o item principal que integra os discursos sustentados pelo “novo normal”: a máscara.

De tecido, cirúrgica, estampada, com design de ponta, com saídas de ar estratégicas e material de secagem rápida ou em suas versões artesanais mais simples, dentre outras predicções, este acessório/equipamento sofreu uma reconfiguração quanto as suas formas e contextos de aplicação, em virtude da obrigatoriedade de seu uso, por parte da população em geral, sobretudo em espaços cujo contato/aproximação interpessoal pode trazer qualquer risco de contaminação pelo coronavírus.

Building the way

O lugar teórico que sustenta nosso gesto de análise, qual seja o da Análise de Discurso, a partir de Pêcheux (2009) e de Orlandi (2007), nos permite construir um dispositivo teórico-analítico cujas possibilidades nos auxiliam na compreensão do corpo e nas suas práticas de sujeição, que não se esgotam ou se reduzem a considerá-lo apenas como um construto físico-orgânico, mas como um bólido de sentidos, visto textualizar discursos que conformam/reelaboram, para os sujeitos, formas de reconhecimento e processos de identificação.

Essa reconfiguração na relação sujeito/corpo, mediada pela orientação-obrigação do uso de máscaras, durante a pandemia, indica o espaço urbano, em seus mais variados seguimentos, como lócus principal de observação dos funcionamentos discursivos, que marcam os sentidos que o sujeito tem atribuído a si e ao(s) outro(s). É, pois, na relação com os espaços da cidade, pelo modo como os sujeitos ocuparam as lojas, as academias, os supermercados etc. que observamos corpos que se distanciam, se repelem, ou se deixam aproximar, ainda sob a ameaça do contágio, na medida em que apresentam segurança ou risco, especialmente pela presença/ausência do uso das máscaras.

Dessa forma, para observamos como os sentidos afetam os sujeitos distintamente, determinando certas tomadas de posição, relações de identificação, de subversão ou de resistência acerca do uso das máscaras, compomos um arquivo de imagens, cuja circulação ocorreu, especialmente, nos espaços digitais, dando assim contorno aos questionamentos a respeito de como o espaço urbano foi marcado por discursividades de adesão ou de resistência às máscaras.

Neste corpus analítico, as imagens recortam cenários cotidianos, cenas, comportamentos, isto é, gestos/efeitos-leitura que dão a visibilidade fundamental para problematizarmos os modos de inserção

Building the way

da máscara no dia-a-dia e como esta tem agenciado os mecanismos de circulação, de interdição e de permanência, nos locais públicos.

Assim, buscamos percorrer um caminho costurado e cerzido por questionamentos e pontos de observação, traduzidos em lugares de escuta e de visibilidade que têm marcado, no corpo, enquanto espaço simbólico, relações de polarização, de poder, de disputas, de tensões.

Máscaras e corpo: modos de (des)identificação

Há que se considerar, por esse gesto de composição de um arquivo discursivo, atravessado pela relação corpo/sujeito, que o uso/não uso das máscaras, atrelado aos movimentos de significação do sujeito na cidade – quais sejam, o de perambular, entrar, sair, permanecer, tocar, cumprimentar etc. – reverberaram, em nossa escuta como analista de discurso, questionamentos, problematizações, concernentes aos processos de ocupação/espacialização do sujeito, nos espaços da cidade.

Como, então, o sujeito se inscreveu no discurso da cidade, na narratividade urbana, no texto da cidade, afetado por sentidos de saúde/doença, determinados pelas condições materiais de imposição-prevenção, marcadas no/pelo corpo? Como a máscara/corpo se textualizou em gestos de resistência?

Temos, por essas questões, a necessidade de tomar, de um lado, o discurso da cidade, do espaço urbano, no entrelaçamento com o discurso sanitário-científico, observando como essa relação entre discursos é marcada por convergências, dissidências/conflitos e de sobre determinações e, por outro, como a máscara, incorporada ao corpo, traduz movimentos de aceitação/resistência dos sujeitos e dos sentidos. A tentativa de responder a essas duas questões instala-se, então, como um gesto de construção de um lugar de atravessamento possível para o sujeito-usuário das máscaras.

Building the way

A seguir, com a figura 1, problematizamos a ocupação dos espaços, que, investidos por sujeitos de máscara, se constituíram como lugares em que se desestruturou/reestruturou processos de subjetivação:

Figura 1 — Imagem veiculada durante a pandemia Covid-19 das pessoas nas ruas



Fonte: Imagem disponível em:

<https://www.cnnbrasil.com.br/saude/2020/10/30/estudo-descreve-a-personalidade-de-de-quem-se-recusa-a-usar-mascaras>. Acesso em: 05/01/2021.

Nesse cenário, a pandemia da Covid-19 marcou, discursivamente, um acontecimento que, nas palavras de Pêcheux (2008, p. 17), inaugura um encontro de uma “memória a uma atualidade”, assim, importa-nos observar como os sentidos de saúde, de doença, de coletividade são atualizados e movimentados, manejados, pelo modo como os sujeitos ocupam, desocupam, aglomeram-se ou individualizam-se em espaços de divisão e de compartilhamento de corpos, colocando em visibilidade, dessa maneira, gestos de leitura, marcados no/pelo corpo.

Nessa direção, observamos que os processos que instalam uma leitura do modo como o corpo ocupa/desocupa uma espacialidade estão estreitamente ligados a um “ter ou não disciplina” para ocupar o lugar, ou seja, ao modo como atesta-se ou não a iminência de uma infecção. Trata-se de expor – pelo modo como nos significamos por meio da máscara – uma relação de invisibilidade/negação ou de aceitação quanto à existência do vírus, reverberando, no corpo, a maneira como nos

Building the way

identificamos (ou não) com os discursos que sustentam seu alto potencial de transmissão, de letalidade, e, portanto, da necessidade de manutenção das medidas de biossegurança.

Considerando o discurso como “efeitos de sentido entre os pontos A e B”, tal como formulou Pêcheux (2010, p. 81), compreendemos que o modo de adaptação/não adaptação ao uso das máscaras não nos permite pensar apenas em uma questão cultural, identitária, mas, sobretudo, em maneiras distintas de se inscrever em discursividades que colocam em funcionamento, sentidos distintos, para sujeitos (A e B) diferentes, sobre saúde, doença, prevenção, pois conforme Pêcheux (2010, p. 81) “[...] o que funciona nos processos discursivos é uma série de formações imaginárias que designam o lugar que A e B se atribuem cada um a si e ao outro, a imagem que eles fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro.”

Nesse curso, o uso das máscaras nos impõe uma relação necessária, qual seja a imbricação entre espaço urbano/saúde/linguagem, cujas consequências daí advindas nos permitem inferir que o sujeito se identifica/não se identifica com certos sentidos que a dinâmica da cidade e seu estatuto de sujeito-de-direito lhe permitem acessar.

De acordo com Pêcheux (2009, p. 197) “[...] toda prática discursiva está inscrita no complexo contraditório-desigual-sobredeterminado das formações discursivas que caracteriza a instância ideológica em condições históricas dadas”. Assim, o teórico mostra o conceito de identificação, no qual o sujeito se identifica com a formação discursiva da qual faz parte e é constituído por ela, ou seja, “[...] o interdiscurso determina a formação discursiva com a qual o sujeito, em seu discurso, se identifica, sendo que o sujeito sofre cegamente essa determinação [...]” (Pêcheux, 2009, p. 199).

Assim, os processos de identificação deslocam a concepção de leitura da relação com o arranjo sintático que compõe a forma material do texto, tal como o concebemos historicamente, para observarmos uma

Building the way

forma material específica de inscrição do discurso: o corpo. Para Orlandi (2012), o corpo se constitui mutuamente com o sujeito, por isso, podemos observar como o sujeito se depara com o real, fora dos limites da sintaxe e da organização textual, tomando essa instância como um funcionamento que descentraliza o sujeito, retirando-lhe a propriedade dos sentidos, da memória, e colocando-o em uma relação de sob determinação à linguagem.

Propondo um deslocamento do domínio sintático, ou intradiscursivo, em que a noção de leitura acompanha o encaixe e a combinação dos termos linguísticos, circunscritos ao nível do enunciado, consideramos, neste trabalho, que a leitura (Orlandi, 2008) é o gesto mesmo de expor o corpo à relação que este tem com os sentidos e com as condições de sua produção, em seus mais distintos gestos, movimentos de dizer, de não dizer, de renunciar, de enfrentar, de recuar e de resistir.

Desse modo, partimos da premissa de que o corpo oferece, enquanto sítio de significação (Orlandi, 2012), espaços de/para leitura, assim, o que nos interessa não é apresentar justificativas para o uso inadequado ou o não uso de máscaras, por alguns, mas problematizar a maneira como os sujeitos produzem inscrições distintas para seu uso, marcando, com a nova peça componente do vestuário, um processo de reconhecimento/de estranhamento de si, materializado na conjunção/disjunção do sujeito com o seu corpo, pois visamos compreender como o corpo “[...] é significado em um ou outro espaço de existência, considerando que o espaço significa” (Orlandi, 2012, p. 87).

Nessa medida, é necessário colocar em suspeição leituras, interpretações, desfazendo sentidos que naturalizam/visam naturalizar o uso/não uso da máscara, sustentado, sobretudo, pelas condições materiais de existência. Assim, o espaço que os sujeitos situam-se também significa

Building the way

seus modos de identificação. Veremos isso na análise da imagem 2 que reflete sobre a relação trabalho, saúde e espaços públicos.

A relação saúde/trabalho: máscaras, sujeito-de-direito e espaços públicos

A imagem a seguir coloca em visibilidade o conflito estabelecido entre a necessidade de adequação às medidas de contenção da transmissão do vírus e a manutenção da dinâmica econômica e mercadológica própria da constituição da forma-sujeito capitalista:

Figura 2 — Imagem de pessoas indo ao trabalho e apenas uma delas está de máscara



Fonte: Imagem disponível em:

<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/2020/03/23/fechamento-comercio-rio>. Acesso em: 15/01/2021. Acesso em 29 jul. 2025.

A noção de sujeito-de-direito, instituída por Haroche (1992), é a que possibilita compreender que, apesar de todas as determinações e orientações, os sujeitos se reconhecem no direito de utilizar ou não a máscara, pois, por essa noção, os sujeitos são, ao mesmo tempo, constituídos por obrigatoriedades e por permissões, reguladas/mediadas pelo Estado e suas instituições, mas, especialmente, por sua inscrição determinada na forma-sujeito capitalista.

A imagem é simbólica ao mostrar apenas uma pessoa de máscara, em meio a maioria sem. Essa imagem expõe como devemos considerar que a significação passa, de antemão, por questões muito próprias à

Building the way

discursividade econômica e à necessidade de manutenção da dinâmica e das leis mercadológicas que até negam a própria pandemia, ao dizer “é só uma gripezinha”, silenciando toda uma condição sanitária universal para sobrepor o discurso mercadológico.

Isto é, a leitura, o gesto de interpretação, marcado no/pelo corpo pela utilização ou não das máscaras, realiza-se sob essas condições de produção, em que o sujeito recebe as injunções do Estado e de seus aparelhos, cujas maneiras de controle intervêm na identificação/não identificação, no reconhecimento/não reconhecimento, a certas regiões de sentidos. Para Pêcheux (2009, p. 201-202) esse processo remete a uma tomada de posição que ele denomina de não-subjetiva. Assim, o “[...] efeito de desidentificação se realiza paradoxalmente por um processo subjetivo de apropriação dos conceitos científicos e de identificação com as organizações políticas ‘de tipo novo’”.

Cabe-nos, então, um questionamento: qual o lugar de ocupação do discurso sanitário-científico, sobre o uso das máscaras, na necessidade de manutenção dessa dinâmica mercadológica contínua? Como a produção da interpretação é tensionada por essas duas ordens discursivas? Como os sentidos de saúde/doença são produzidos nesse lugar de tensão?

No texto da cidade, a coletividade e a aglomeração, inevitáveis à locomoção, às idas e vindas do trabalho, colocam em uma relação de equivocidade os sentidos de saúde, doença, prevenção, haja vista que marca, no corpo, um gesto de proteção/prevenção que se observa individual em um espaço coletivo ocupado por sujeitos altamente expostos à infecção/transmissibilidade do vírus durante a pandemia.

Nesse entendimento, o mundo da economia, com o trabalho e suas leis, não subsume o mundo da ciência, com suas normas de restrição, inclusive, do trabalho, como o concebemos até o advento da pandemia, pois se tratam de dois discursos antitéticos. Assim, a pandemia produz

Building the way

uma distinção entre sujeitos, marcada por suas classes sociais, pois há os que ameaçam a economia e que devem se arriscar cotidianamente e há os que podem ficar em casa e não aglomerar em ônibus, trens, metrô.

Esses dos ditos “serviços essenciais” são os que podem e devem morrer para garantir que a “economia funcione”, pois são os pobres, os que oneram e ameaçam a economia do mundo. Para estes, coube o slogan *Fique em casa*, se puder, pois há os que podem e devem se proteger e há os que podem e devem morrer.

Pela questão econômica, observamos, então, que a disciplinarização/não disciplinarização dos corpos quanto ao uso das máscaras é subsumida pelos ditames do mercado e da organização econômica. Assim, reiteramos que, nessas condições de produção, os sujeitos leem, interpretam, significam, mediante a relação conflituosa entre saúde/trabalho, ou saúde/mercado etc., em que o primeiro, a saúde, é sob determinada pelo segundo, o trabalho/mercado.

Por essas condições materiais impostas, os sentidos de saúde, derivados do discurso sanitário-científico, se afrouxam, se flexibilizam, colocam-se à deriva, ao mesmo tempo em que são confrontados com a necessidade de continuidade das atividades diárias e da manutenção da configuração econômica a qual estamos sujeitos.

Essas condições perpassam pelo uso da expressão “novo normal”, tal como veremos na análise da imagem 3, para que, dessa forma, possamos compreender os processos de subjetivação que sustentam estes gestos de interpretação.

Novo (a)normal: sujeito e (des)naturalização dos sentidos

A expressão “novo normal” ganhou, com a pandemia, sentidos que reestruturaram as relações, sobretudo no que diz respeito ao modo como a interação entre as pessoas passou a se realizar, assim, colocou-se em

Building the way

suspensão o caráter da “normalidade”, do “hábito”, do que era considerado “comum”, antes da presença do vírus.

O espaço digital e as redes sociais ensejaram diversas situações (por meio dos memes, dos gifs, postagens, quadrinhos etc.) que colocaram em visibilidade modos distintos de significar a nova normalidade. As máscaras, por se apresentar como um artefato visível de adesão ao “novo normal”, foi um dos elementos que mais ganhou notoriedade quanto à adaptação a essa “nova” ordem, como veremos na figura 3:

Figura 3 — Imagem projetada do cotidiano durante a pandemia



Fonte: Imagem disponível em:

<https://br.ifunny.co/picture/mais-um-dia-normal-em-2020-glEswLJq7>. Acesso em: 10/01/2021.

Os dizeres sobre o uso das máscaras que integram a discursividade do “novo normal” são marcados por um processo de naturalização dos sentidos, promovido pelo atravessamento e pela sustentação do discurso sanitário-científico, isto é, os sentidos de saúde ganham lugar de força e visibilidade, marcando, no sujeito-usuário das máscaras, a integração desta a seu corpo: nesse gesto de leitura, observamos um sujeito que reconfigura seu corpo, adaptando-o, por se identificar aos sentidos de saúde associados à coletividade, destacando as máscaras como modo

Building the way

principal de prevenção/proteção. Passa-se a considerá-la, assim, como parte constitutiva, associada e integrante do corpo.

Esse modo de significar atravessa o uso das mídias e redes sociais. A Figura 3 traz em sua materialidade o dizer “bom dia”, recorrência de uma saudação cotidiana, mas ressignificada no uso do WhatsApp, nos grupos, com a imagem do Sol, mas ainda projetando uma regularidade da língua numa condição de se relacionar com outro, causando em muitos casos, incômodos, pois a repetição constante cansa e perde, portanto, seu sentido de saudação, e de desejar um bom dia.

Outra questão também é como dizer “bom dia” em meio a uma pandemia que nos apresenta cada dia mais e mais mortes? Ou seja, a postagem de um bom dia também é ressignificada e perde o sentido em meio a tanta mortandade.

O efeito que a charge produz é o de que a máscara passou a compor o vestuário, pois a lavadeira não estende mais peças das vestimentas usuais dos sujeitos, uma vez que passa a pendurar apenas máscaras. Nessa direção, o que é “mais um dia normal em 2020” são as máscaras como parte constitutiva do vestuário das pessoas.

A recomendação de uso de máscara, não foi, contudo, sem regramento, pois a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) orientou o protocolo para o uso, tanto das de tecido quanto das de uso médico ou das descartáveis e das reutilizáveis, devendo o seu usuário seguir, criteriosamente, o que ditam as instituições de saúde, para evitar a contaminação na época da pandemia.

Outras discursividades circularam focando no uso da máscara e suas vantagens, levando a refletir em seu uso no dia a dia e não apenas na pandemia. Para visualizar isso, apresentamos outro recorte produzido durante a pandemia. Trata-se de uma produção quadrinísticas da série produzida para Revista *TPM* designada de “Novo Anormal”. Desse modo,

Building the way

também retomamos a reformulação de “Novo normal” para “Novo Anormal”.

Figura 4 — Quadrinho de Carol Ito produzido para a série “Novo anormal” da Revista *TPM*



Fonte: Imagem disponível em:

<https://salsichaemconserva.wordpress.com/2022/06/06/novo-anormal-82/>. Acesso em 29 jul. 2025.

O quadrinho de Carol Ito, publicado em junho de 2022, mostra um processo de mudança para uma pós-pandemia. O quadrinho aventa as possibilidades de continuidade do uso da máscara, situando uma relação com a pandemia da COVID-19 para uma pós-pandemia. Pois o “revival da covid” ainda era um fantasma que assolava aquelas condições, ao mesmo tempo em que se buscava a volta à normalidade.

Desse modo, o quadrinho brinca com as possibilidades de continuar usando a máscara, mesmo com o fim da pandemia. A brincadeira reflete a condição existencial que constitui os sujeitos e sentidos naquele momento, com esperança para que tudo melhorasse, mesmo assim, a

Building the way

máscara era um vestígio dos acontecimentos da pandemia, produzindo seus efeitos até hoje. Por outro lado, o quadrinho retoma os problemas do cotidiano, como a poluição, como os novos vírus que também fazem parte dessa realidade e ainda das relações interpessoais que são retomadas no pós-pandemia, pois se em um momento havia a necessidade de distanciamento, agora estamos voltando a passar por um processo de ressocialização e convivência com as pessoas presencialmente, e todos os problemas que advém disso retornam também.

Nesse processo, há uma naturalização do “novo normal”, não esquecendo que ainda se constitui em um outro lugar, por isso a formulação do título do quadrinho ser “novo anormal”, pois mesmo várias situações da pandemia estarem passando, ainda somos ressignificados pelo esse grande acontecimento.

Nessas condições, discursos sobre a esperança de mudança atravessaram diferentes materiais produzidos nesse processo de transição para a pós-pandemia.

Figura 5 — Tirinha da Anésia sobre a pandemia e pós pandemia.



Fonte: Imagem disponível em:

<http://www.willtirando.com.br/category/anesia/page/3/>. Acesso em 12 mar. 2021.

Ao falar sobre o “novo normal” e “novo anormal”, os sentidos são naturalizados e reverberam em discursos da atualidade. Assim, ao naturalizar a pandemia, produziu como efeito um modo de olhar para esse acontecimento com esperança de mudanças. Na fala da personagem Dolores essa esperança se materializa “Eu tenho certeza de que sairemos

Building the way

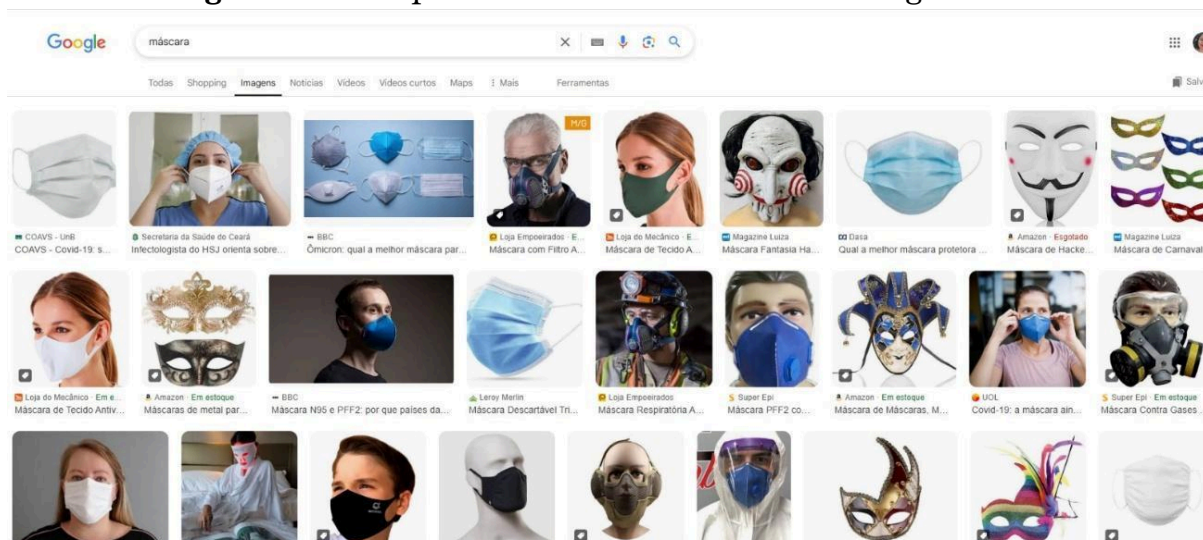
inabaláveis dessa pandemia”. Devido se tratar de uma personagem que se apresenta em outras tirinhas como ingênua, gentil, paciente, reflete essa condição de esperança vã sobre o modo como a pandemia produziu efeitos nos sujeitos. Isso é visualizado na continuidade da tirinha em que a morte de 120 pessoas na queda de um avião não produz o mesmo efeito de antes da pandemia, pois “Na pandemia, morriam dez vezes mais, por dia!”. Devido à gravidade da pandemia e o seu número de mortos, provocou uma naturalização da morte em que o que se reflete é que poderia ter sido mais pessoas mortas. Ou seja, o contato com a morte provocou um outro olhar para a morte no cotidiano e a esperança de nos tornarmos melhores foram sendo questionadas conforme a pandemia passou e seus efeitos foram vistos muito mais como números do que com sujeitos que fizeram parte de processo e seus efeitos devido a condição sanitária vivenciada, da questão de ficar ou não em casa.

Entendemos, portanto, que o processo de naturalização da morte também produz efeitos de continuidade da vida do dia a dia. A partir de um processo de identificação com a noção de pós-pandemia, como algo que passou. Como efeitos, mesmo estando atento a novas pandemias, buscou-se uma normalidade. Mesmo não sendo possível essa normalidade em sua completude, retomasse as atividades, a vivência, buscando muitas vezes silenciar o acontecimento que nos afligiu, mesmo que este ainda produza efeitos no nosso dia a dia.

Atualmente, em pleno 2025, ao buscarmos, por exemplo, no Google o termo “máscara”, várias imagens aparecem, dentre elas, várias máscaras de proteção, máscaras de tecido, máscaras cirúrgicas.

Building the way

Figura 6 — Pesquisa do termo “máscara” no Google



Fonte: Google. Acesso em 05 abr. 2025.

Essa imagem permite estabelecermos uma relação entre o encontro da memória com a atualidade. Mesmo não vivenciando a pandemia, ainda hoje efeitos sobre esse acontecimento são significados no número de máscaras cirúrgicas que ainda estão presentes na busca do Google. Por outro lado, outras máscaras estão presentes, de fantasias, de festas, de carnaval. Isso coloca em uma constituição dual sobre a máscara nos dias atuais, pois por um lado, rememorar o acontecimento da pandemia, sendo ainda frequente em lugares movimentados, quando alguma pessoa fica gripada, por exemplo. E por outro, as máscaras de festas, fantasias projetam a continuidade da vida em outros movimentos, como meio de afastar a vivência sofrida em 2020 e 2021, mais especificamente.

Essas máscaras projetam no corpo do sujeito sentidos sobre modos de espacialização e subjetivação provocadas pelo acontecimento da pandemia a partir da retomada de uma memória constitutiva que, mesmo passando alguns anos dessa vivência, ainda projeta sentidos contraditórios entre esquecer e lembrar desse momento, ou seja, há um efeito de alívio por já não estarmos nessa condição, mas ao ver um

Building the way

máscara, ainda compreendemos que é algo que também pode retornar como uma condição material de existência.

Considerações finais

Os modos de identificação ocorrem pelas formas de inscrição do sujeito no discurso, impondo/permitindo-os gestos de interpretação, efeitos, muito particulares dos modos como esse (o sujeito) se identifica com certos sentidos, em não com os outros.

Usar ou não máscaras, de maneiras específicas, propõe, como dissemos, leituras para/do corpo do sujeito (nos espaços públicos), que se espacializa, ocupa, desocupa, pertence/não pertence, entra, sai, aproximando-se ou repelindo-se por ordens discursivas distintas determinantes de relações, conflituosas ou não, entre saúde, doença, prevenção. Isso ocorre de maneira diversa quando ocorre o acontecimento da pandemia, pois usar ou não atravessa questão de vida e de morte, e isso produz efeitos na atualidade, em que o uso da máscara é uma escolha, mas que ainda é possível de ser vista no dia a dia em nossa sociedade, na tentativa de propagar, por exemplo, uma gripe ou virose.

Como vimos, as máscaras configuram espaços de proteção individual, mas também dão visibilidade aos modos como os processos de identificação agenciam os sujeitos e as regiões de sentidos em que se inscrevem, permitindo-nos compreendê-las como um flagrante de processos de subjetivação que operam divisões e sustentam gestos de resistência ao sentido dado como evidente.

Dessa forma, nosso propósito, com essa reflexão, não se limitou/limita na/pela demonstração das categorizações ou de exigências quanto à utilização das máscaras, em um caráter utilitarista e instrumental da linguagem. Especialmente, buscamos colocar em visibilidade como o corpo se expõe a maneiras distintas de ler o arquivo,

Building the way

sobretudo o da cidade, atravessada por vertentes discursivas específicas (mercadológicas, religiosas, político-partidárias, médico-científicas etc.), que operam para/por sujeitos em seus modos singulares de constituição como leitores.

REFERÊNCIAS

HAROCHE, Claudine. **Fazer Dizer, Querer Dizer**. São Paulo: Hucitec, 1992.

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. 7. ed. Campinas: Pontes, 2007a.

ORLANDI, Eni P. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. Editora da UNICAMP, 2007b.

ORLANDI, Eni P. **Discurso e leitura**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

ORLANDI, Eni. P. **Discurso em Análise: sujeito, sentido, ideologia**. Campinas: Pontes, 2. ed. 2012.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso: estrutura e acontecimento**. 5. ed. Campinas: Pontes, 2008.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. 4. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.

PÊCHEUX, Michel. "Análise automática do discurso (AAD-69)". In: GADET, Françoise; HAK, Tony (Org.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. 4. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2010. p. 59-158.